

PAULO DE TARSO GOMES

“Não consigo ver uma coisa errada e ficar inerte!”

Antes de qualquer coisa, vou logo avisando: minha vida daria um livro. E a história começa assim: nasci na cidade de Altair, no norte do Estado de São Paulo. Logo criança, vim para Barretos... Meu pai faleceu quando eu tinha dois anos de idade; então, só o conheço por fotografia... Éramos em treze irmãos – onze mulheres e dois homens. Minha mãe ficou viúva e passou muita dificuldade... De fome muita gente fala, mas poucas... E eu passei. Foram muitas dificuldades... Passei tanto desgosto naquela cidade que nunca mais voltei! Lembrar de miséria, de coisas que não são agradáveis – para quê?

Em Barretos, trabalho desde os cinco anos. Na frente de onde eu morava, tinha um cidadão que fabricava arreios e **selas** para cavalos. Como ele era sozinho, não podia deixar a oficina para ir buscar a marmita que ele comia. Eu, com cinco anos, trazia a marmita dele no almoço e no jantar. Depois dali fui engraxate e fiz todas as outras coisas que se possa imaginar... Só não fui guia de cegos!

Quando eu tinha de seis para sete anos, viemos para São Paulo e com o tempo as coisas passaram a melhorar... O primeiro lugar em que moramos foi numa vila no número 1025 da Barão de Limeira, na esquina com a Ribeiro da Silva. Aqui, continuei trabalhando e estudando. Fiz uma parte do primário em um grupo escolar na Eduardo Prado; depois estudei no Colégio Batista Brasileiro, nas Perdizes; por último, no Caetano de Campos. Sempre fui muito bom aluno em Biologia, Ciências e Matemática. Gostava, e ainda hoje gosto, dessas matérias... Fui péssimo aluno em Desenho! Eu passava por favor do professor, com a média mínima... Mas se algum dia eu tiver tempo na minha vida, vou aprender a desenhar, porque adoro!

Depois, então, veio a faculdade... Com muito sacrifício, concluí o curso de Ciências Contábeis na Álvares Penteado, que já era perto da Faculdade de Direito da USP, no Largo São Francisco, onde ingressei depois. Formei-me em advocacia em 1964. Nesse meio tempo, me casei – em 1962. Tenho três filhos: duas mulheres e um homem; e oito belíssimos netos. Dos irmãos, só três estão vivos...

Desde criança, sempre tinha em mente ser advogado... Não decidi de uma hora para outra, no meio do caminho... Tem gente que tenta uma coisa e, se não dá certo, vai para outra... Não é meu caso. E digo mais: morrendo, se eu voltar aqui, serei novamente advogado! Não que eu conhecesse alguém com essa profissão, pelo menos a ponto de ter me influenciado... Acho até que, uma vez, assisti a um filme que tinha um advogado e aquilo me chamou atenção... Mas não é só este o motivo. Nasci para isso... É uma vocação... E é a única coisa que eu sei fazer...

Cheguei à Escola Paulista porque era muito amigo do professor **Nylceo** Marques Castro, que conheci através de outras amizades. Ele foi o primeiro aluno a ser diretor da Escola, que naquela época era pequenininha... O prédio dos **ambulatórios (Edifício Jairo Ramos)** ainda estava em construção! Ele chegou para mim e falou:

– Paulo, eu preciso terminar aquele prédio e o pessoal que está lá não merece minha confiança. Será que não daria para você ir lá?

– Ah, professor, eu não posso...

E expliquei a ele o porquê... Naquela época, a Escola pagava mal e porcamente!

– Não vou, porque pelo que vocês vão me pagar eu não posso trabalhar...

– Ah, você vai só num período e me ajuda no que puder...

Acabei vindo para cá em setembro de 1969, para a parte de contabilidade e finanças. Com surpresa, verifiquei que a Escola tinha dinheiro suficiente para terminar a obra – mas estava tudo

bagunçado. Então, o professor conseguiu terminar o prédio dos **ambulatórios** e minha estada aqui começou.

No final de janeiro de 1970, o professor **Nylceo** saiu de férias para uma casa que tinha para os lados de Ilha Comprida, Iguape... E resolveu sair de barco com o professor Portugal, cardiologista muito amigo dele, e o caseiro. O que eu sei é que houve uma tempestade no mar e, apesar de o **Nylceo** ter sido campeão sul-americano de natação, foi o único que não se salvou... Infelizmente ele faleceu... Houve um constrangimento muito grande e o vice-diretor que assumiu era o professor Horácio Kneese de Melo. Eu o procurei:

– Olha, professor, eu tinha um compromisso com o **Nylceo**... Então, não vejo mais razão de permanecer aqui.

Ele fez um apelo muito grande, evocou a memória do professor **Nylceo**, e acabei ficando... Fiquei aqui até julho de 1995, sempre trabalhando aqui pela manhã e mantendo meu escritório na parte da tarde. Depois, me desliguei em definitivo da Escola.

Ainda que eu sempre tenha trabalhado no setor de finanças, a verdade é que eu não fazia só isso... Que me perdoem os médicos, mas eles são muito maus administradores! Alguém precisava fazer alguma coisa pela Escola, e tudo desembocava em mim. Eram finanças, contabilidade, administração e até um certo planejamento. Até porque, depois que você vai conhecendo a instituição, sabe onde tem que agir.

Depois do professor Horário, veio o professor José Carlos Prates. Em seguida, o Jair Xavier Guimarães; depois o Magid Iunes; substituído pelo professor Nader Wafae; e, finalmente, o professor Manuel Lopes. Já era para eu ter saído na gestão do professor Nader, mas o professor **Manuel** ganhou a eleição e fez um apelo para que eu ficasse. Como eu devia alguns favores para ele, que atendeu minha irmã e salvou meu sócio de escritório, me senti na obrigação de pagar a dívida. Mas avisei: “você saindo, saio junto”. Então, fiquei em todo o mandato dele, que conseguiu transformar a Escola Paulista em uma Universidade.

Saí, mas levei comigo muitas lembranças... De pessoas como o professor Ribeiro do Vale, por exemplo, uma figura notável não só na parte científica – mas um homem culto, agradável de conversar, que chamava a Escola de “escolinha”. Se não me falha a memória, ele é um dos fundadores da Escola, junto com Octávio de Carvalho, Darcy Mendonça, Alípio Correia Neto, Jairo Ramos e essa turma... Ele acompanhou a Escola desde a rua Oscar Porto... Quando vim, o prédio dos ambulatórios ainda estava sendo construído. E no edifício “**Octavio de Carvalho**” ficava o ambulatório Maria Tereza, formado por casas caindo aos pedaços.

Também acompanhei a Escola desde então... A obra grande de que participei, já na época do professor Manuel, foi a construção do anexo do Hospital, cuja idéia era dar para as disciplinas, professores, etc... Mas eu tive que opinar... Certa vez, houve um caso concreto de um homem muito rico que veio ao Hospital, fez seu transplante de rins e não disse mais do que “muito obrigado”. E isso eu não acho justo... Aqueles que podem, devem pagar em benefício daqueles que não têm. O Hospital sempre foi deficitário... É um sorvedor de verbas, porque a necessidade é infinita e os recursos são limitados.

Sugeri ao professor Manuel que transformasse o anexo em uma ala particular – e o rendimento seria aplicado em benefício do Hospital velho. Tinha que ser assim, porque não dava para cobrar alguma coisa em atendimento particular feito no prédio antigo, com aquele tipo de hotelaria... Ele comprou a idéia, levou para a congregação – e foi aprovada! Não foi fácil construir o novo prédio, pois era uma época inflacionária e os recursos se diluíam... Mas, quando deixei a Escola, uma ala de um ou dois andares já estava inaugurada com essa finalidade. Para ajudar a banda de lá, foi feita essa de cá!

Houve também uma outra coisa que deu um grande impulso para a Escola. Como órgão público, ela não podia aplicar seus recursos para ter rendimentos. Então, com uma inflação de 10 a 15% ao mês, o dinheiro apodrecia no banco, evaporava... Mas eu, pessoalmente, consegui uma autorização diretamente do Banco Central para aplicar lá. Foi muito difícil... E foi o primeiro órgão público a fazer isso... Começou na época do professor Magid e foi com esses rendimentos que a Escola conseguiu fazer suas grandes obras.

Para isso, tive que usar alguma influência e muita persistência! Quando você quer obter uma coisa, não aceita o não como resposta! E eu tinha muita amizade em Brasília... Existia lá a Inspeção Geral de Finanças, órgão que fiscalizava as entidades do MEC, depois transformada em Secretaria do Controle Externo, que examina as contas dos órgãos públicos. De modo geral, a contabilidade pública é um ramo que poucas pessoas conhecem; por não ser rentável, não gera tanto interesse... Essa é a verdade... Mas eu tive a honra de ser convidado pelo **Marcus Vinicius**, secretário do controle interno do MEC, para ser seu assessor e consultor. Então, conhecia os caminhos...

Através dele, expus o problema. Ele me disse:

- Olha, o único jeito que você teria para fazer isso é aplicar diretamente no Banco Central...
- Mas será que a gente consegue?
- Ah, isso eu não sei...

Comecei a ligar no Banco Central. Falei com um e com outro, esperei isso e aquilo... Enfim, demorou cerca de quatro meses para eles aprovarem e para nós começarmos a aplicar. Mas valeu a pena! Para se ter uma idéia, com o dinheiro da aplicação o professor Nader deve ter comprado perto de 50 imóveis ao redor... Também foi criado um decreto para desapropriar o entorno do prédio, isto é, o quarteirão onde é a Bireme e a outra quadra, ao lado. Isso foi feito para evitar a especulação imobiliária... Então, compramos todos esses prédios aí. No fim, as grandes obras da Escola foram realizadas com esse dinheiro, como o prédio do Lemos Torres, onde tem o restaurante **universitário**...

A idéia do restaurante, aliás, foi minha. Certo dia, eu estava tomando café no quinto andar, onde havia uma bandeja com água quente onde o pessoal colocava a marmita para esquentar... Por alguma razão, uma daquelas marmitas se abriu e eu verifiquei que dentro dela tinha arroz e uma única folha de repolho. Nada além disso... Na época, contei para o professor Magid:

- Não é possível o funcionário daqui trazer na marmita apenas arroz e uma folha de repolho... Temos que fazer um restaurante para atender!
- É verdade... Vamos fazer.

E aí começamos um restaurante que, inicialmente, atendia apenas os funcionários. Depois, foi estendido para os estudantes. No começo, era só almoço... Passou-se, posteriormente, a servir jantar. E ele está aí funcionando até hoje...

Meu trabalho, então, era mais complexo do que deve ser o de um funcionário administrativo atual. Eu tinha que conseguir verbas, fazer importantes negociações... Era muito difícil, porque em matéria de verbas federais São Paulo sempre foi postergado... Havia, vamos dizer, uma má vontade em relação às verbas para a Escola Paulista e também para a Escola de Engenharia de São Carlos, que, como a nossa, também foi transformada em Universidade. Porque São Paulo é um Estado rico, acham que não precisa! A gente só conseguia alguma coisa porque no Ministério existe uma coisa interessante: sempre que muda o governo, muda o primeiro escalão – mas o segundo fica. O pessoal que carrega o piano fica! E é quem eu sempre conheci, quem sempre esteve lá... Meus amigos! E através dessa amizade a gente trazia recursos.

O primeiro computador que a Escola teve, por exemplo, fui eu quem consegui. Era aquele 11/30, que estava na Universidade Federal de Porto Alegre. Eles tinham adquirido um computador moderno e aquele estava encostado. Fizemos o pedido e a doação se transformou em nosso primeiro núcleo de informatização. O segundo, que foi um Cobra, também foi comprado com verba que eu arrumei. Com isso, a folha de pagamento, que era feita numa empresa **da** estrada de ferro Santos-Jundiaí, começou a ser feita aqui. Informatizamos a contabilidade e tudo melhorou! Depois, veio ainda um sistema de administração financeira integrada, que centralizava tudo em Brasília... Foi um grande avanço.

Ao longo do tempo, muitas outras mudanças foram necessárias... Quando vim para a Escola, a Bireme estava sendo instalada – e tanto os custos de instalação como de pessoal eram pagos por conta de um convênio entre o Ministério e a Organização Panamericana, já que a biblioteca era de toda a América Latina e Caribe. A par disso, existia a Escola Paulista de Enfermagem, ligada à SPDM, a entidade mantenedora do Hospital São Paulo, que também tinha uma folha de pagamento

crescendo... Naquela época, vieram vários professores ilustres para cá: professor Carlini, professor **Trabulsi**, professor Dietrich... Então, a “escolinha” do professor Ribeiro do Vale começou a ficar famosa e se agigantar. Para isso, eram necessárias as contratações.

A Escola Paulista de Medicina, no começo, era totalmente particular. E, como todo curso de Medicina que quer ser dado como se deve, precisa não apenas de professores, como de equipamentos, laboratórios, hospital... **E, segundo consta, já naquela época faltavam recursos**. Mas em 1953, quando eu ainda não estava aqui, entrou-se em contato com o governo federal para federalizar a Escola. Havia dois impasses: o nome, que era o mesmo tanto para o Hospital quanto para a Escola, e as dívidas. O governo disse que não iria federalizar, principalmente, pelo último motivo.

Usando, como sempre, o famoso jeitinho brasileiro, alguém teve a brilhante idéia de criar uma sociedade. Surgiu a Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina, que ficou como mantenedora do Hospital e assumiu a dívida. Assim, o governo federalizou o curso sem nenhum ônus. É divertido, mas, por isso, pode-se mesmo dizer que o Hospital São Paulo já nasceu falido!

Da mesma forma, existia a Escola Paulista de Enfermagem, que era mantida pelo Hospital e pela SPDM para formar pessoal para dar apoio e servir ao Hospital, o que é uma idéia muito boa, mas que também começou a claudicar porque não tinha recursos. Então, o professor Magid conseguiu sua absorção e a incorporou como Departamento de Enfermagem. **Essa Escola** tinha também uma creche muito incipiente para atender **somente** os funcionários do Hospital. Ela também foi absorvida e o professor Jair me incumbiu (**excluir da possibilidade**) de estender a creche para os funcionários da Escola. Também foi outro trabalho, porque o que move o universo é o dinheiro... Mas nós conseguimos.

Sempre fui contrário à gratuidade dos serviços, porque ninguém dá valor. Isso me foi dito pelo reitor da Universidade do Rio Grande do Norte, que esteve na 2ª Guerra Mundial. Ele contou que os soldados brasileiros recebiam do comando americano pastilhas de cloro para colocar dentro do cantil para tornar a água potável e evitar qualquer doença. Mas ninguém usava aquilo... O americano, preocupado, mandou fazer uma pesquisa e chegou à seguinte conclusão: brasileiro diz que, se fosse coisa boa, não seria dada de graça. E eu acredito nisso.

Na creche, todos pagavam – proporcionalmente ao que ganhavam, claro. Quem ganhava mais, pagava mais; quem ganhava menos, pagava menos. Mas não tinha nada de graça! A mesma coisa com o restaurante... Na medida em que você institui a gratuidade, o cidadão não tem o direito de reclamar, que é fundamental. Pagando, ele pode reclamar e começa a dar valor! Então, assim foi instituída a creche, que hoje se transformou na Escola Paulistinha.

Minha atuação firme em todas essas frentes de finanças e administração só foi possível porque, apesar de começar a trabalhar aqui recém-formado, em começo de carreira, eu já tinha muita experiência... Trabalhei numa grande indústria de tratores em Diadema, em indústria de tintas... Não era um neófito! Já tinha muita experiência – mesmo porque, se não se tivesse, não daria para tocar isso aqui de jeito nenhum!

Como eu já disse, o médico é excelente em seu ofício, mas como administrador, com raríssimas exceções, é mau profissional. Ele realmente não se preocupa com o problema de administração... Fui duas vezes tomar conta do Hospital. A primeira foi entre 1971 e 1972, na época do professor Horácio – mas só fui ajudar o diretor superintendente, professor Barcelini, colocar a casa em ordem. A segunda vez foi em 1991, logo que o professor Manuel entrou. Nessa ocasião, o Hospital estava fechado porque tinha dívidas, problemas financeiros, não recebia mercadoria dos fornecedores...

Eu, o doutor Manuel e um deputado formamos uma comissão e fomos falar com o governador Fleury, que na época tinha como secretário de saúde o professor Nader. Lá, nós explicamos que a situação era crítica porque, além da tabela do SUS estar desatualizada, o pagamento ainda demorava de 90 a 120 dias para sair, sem nenhuma correção...

Ele ficou muito sensibilizado e, naquela época, deu o equivalente a **dez milhões** de dólares. Isso foi no mês de novembro e ele queria reabrir o Pronto Socorro antes do Natal. O Nader, como

secretário, não queria dar o dinheiro diretamente para a Escola, mas fazer as compras de que precisássemos. Mas eu disse para o governador:

– Olha, se for cair lá na secretaria, precisa de concorrência e de toda a burocracia... Se for assim, esqueça, porque o senhor não vai reabrir antes do Natal.

– E como é que o senhor quer?

– O senhor manda o dinheiro que eu garanto que reabriremos.

– Então tudo bem, pode anotar aí!

Ele ligou para o Chefe da Casa Civil, que hoje é Ministro do Tribunal de Contas, e ficou sabendo que primeiro teria que publicar um decreto. O governador disse:

– Então mande parar o Diário Oficial, porque eu quero isso publicado hoje!

O que sei é que estivemos lá numa sexta-feira e, na quarta, o professor Eduardo Katchburian foi buscar o cheque. Normalmente os políticos gostam de falar e falar, mas nunca dá em nada... Dessa vez, não foi o que aconteceu... Nunca vi um governador tão interessado em resolver o problema! Graças a ele, conseguimos reabrir o Pronto Socorro alguns dias antes do Natal. O Goldenberg, que era Ministro da Educação, veio à inauguração para aparecer na mídia dizendo que isso aqui é o “meu hospital”. Mas quando pedimos dinheiro, ele não deu um tostão!

Estes são exemplos de que a Escola dava muito trabalho para mim... E, no meio disso, tinha a minha vida pessoal para cuidar... Eu conseguia separar as coisas – e tinha que conseguir. Quando eu vinha de manhã para Escola, esquecia da minha casa, do escritório, e me concentrava aqui. Ficava até o último despacho, para não deixar nada para o dia seguinte! Quando ia para meu escritório, eu esquecia da Escola e da minha casa. E ao sair de lá, indo para casa, esquecia que existia escritório e Escola. Se não, não sei o que teria acontecido... A gente tem que fazer essa absorção das coisas, se não, não é possível viver bem... Mas confesso que, muitas vezes, eu não conseguia dormir.

O hospital tinha um problema muito sério na cabine primária de força. Era um sistema muito obsoleto, mas eles iam ligando equipamento sobre equipamento... A qualquer momento o Hospital podia pegar fogo! Isso me preocupava muito... Até que consegui dinheiro e foi feita uma nova cabine primária, para resolver o problema do Hospital. Foi uma conquista que me marcou muito... Outra coisa é que o Hospital, depois de construído, nunca tinha sido pintado por fora – o que fizemos na gestão do professor Manuel.

Foram feitas coisas muito boas... E devo dizer que todos os diretores com quem trabalhei tinham interesse em resolver os problemas da Escola. Todos! Um por um! Eu levava o problema para eles e tinha carta branca para tentar resolver! Se não fizeram mais, é porque não havia condições... Mas todos se empenhavam – alguns até de maneira descomunal – para resolver os problemas da Escola.

Como se nota, posso dizer que eu era exatamente o segundo escalão que continuava e que precisava resolver as coisas... Fazíamos parte desse grupo eu; o **Ércio Pasquini**, que ficou muitos anos como chefe de gabinete e depois foi para o departamento pessoal; a **Iaeko**, que era diretora do pessoal; e o Dr. Paulo Xavier Moraes Leme, diretor administrativo. Depois, quando ele se aposentou, veio o Sidnei Abdala, já na época do professor Jair – assim como, depois da **Iaeko**, veio a Gláucia. Essa turma toda forma o segundo escalão, que não muda! Eles conhecem a máquina, eles carregam o piano... Então muda o diretor, mas eles não...

Entre os colegas daqui, fiz muitos amigos! Por causa das amizades é que permaneci aqui, já que o salário nunca foi compensador... Eu ganhava muito mais no meu escritório do que aqui. O que me fazia ficar era mesmo o carinho que a gente tem pelos amigos e pela casa... É claro que você também não pode agradar a todo mundo e acaba criando certas inimizades...

Sem citar nomes, vou dar um exemplo. O Hospital tinha um conjunto grande na esquina da Borges Lagoa que era alugado **por um** professor. Além das salas, havia cinco ou seis vagas na garagem... Quando entrei no Hospital, o contrato dessa locação estava vencido há muito tempo – e o inquilino pagava uma miséria! Como ninguém nunca falou nada e ele não tinha interesse em pagar mais, ficou ali... Mas fiquei sabendo que só com o dinheiro da sub-locação das garagens ele pagava o aluguel e ainda ficava com um dinheirão! Eu o chamei e disse: “O Hospital está numa miséria

danada! E o senhor, em vez de ajudar, está tirando? Não pode ser assim...”. Ele reclamou bastante, mas eu tinha mandado fazer uma pesquisa de preços e dei um novo valor. “Ou o senhor paga, ou vai ser despejado”.

Ele ameaçou falar com diretor, com sei lá-quem, e eu não liguei.

– Pode falar até com o bispo! E digo mais: se o senhor não acertar, eu vou levar o caso à Congregação – porque não é justo o hospital nessa crise financeira e o senhor estar se locupletando à custa dele.

Então, muito a contragosto ele começou a pagar o que devia vir pagando há muito tempo... Esse ficou meu inimigo, claro... Mas é normal. Não posso agradecer a Deus e a todo o mundo!

Existem casos, também, que vêm demonstrar que, como eu digo, o médico é mau administrador. Quando assumi a parte administrativa e financeira do Hospital, havia duas coisas que nenhum hospital conveniado do SUS fazia, porque era muito caro. O que se recebia não dava para pagar os custos... Mas aqui era à vontade! Tratava-se de uma espécie de marcapasso e de uma válvula para o crânio. Chamei os professores, que argumentaram:

– Mas isso aqui é uma Escola! Tem que ensinar!

– Perfeitamente! O senhor tem toda razão! Mas veja de quantas o senhor precisa para a aula; para o resto, não. Quem vai pagar a conta?

E isso foi feito.

Outro caso desse tipo que achei interessante era de uma tela para colocar no abdome da parturiente para evitar que caia depois do parto. Custa caro, mas aqui também era o vai da valsa! Eu pedi para o doutor veja o que era para ensino; o resto, não. Quem quisesse, traria a tela, mas não às custas do Hospital.

Era necessário um transito muito bom, da minha parte, para tentar fazer Escola e Hospital funcionarem melhor. Na última gestão, tinha também uma companhia formidável nesse sentido: o **Professor Beppu Osvaldo Giguiene**, que era um diretor superintendente fantástico! Você falava com ele e ele apoiava! Claro que havia coisas que aconteciam que eu não entendia naquela época e que não entendo até hoje...

Um exemplo é que, quando fui para o Hospital, a firma Johnson & Johnson tinha exclusividade **no fornecimento de alguns** produtos. Só se podia comprar deles! Lembro bem que, naquela época, tinha um gorro para cirurgia que ela vendia por cinco ou seis – não me lembro a moeda, mas esse era o valor. E, aí fora, isso custava metade do preço... Mas nós não podíamos fazer nada porque o hospital tinha uma dívida à prestação e não poderia deixar a exclusividade enquanto não sanasse o débito. Tive que negociar com eles, conseguir uma redução, pagar a dívida para, por fim, rescindir o contrato. Isso porque é impossível manter uma exclusividade com o preço duas ou três vezes mais alto!

A mesma coisa com a Kodak, que tinha exclusividade nos filmes para Raio-X. Nós começamos a importar filme do Japão, por um terço do preço... Outro caso ocorreu com as luvas cirúrgicas, que começamos a importar da Malásia... As seringas descartáveis começamos a importar do Japão... Aos poucos, as finanças do hospitais foram zeradas... Pagou-se tudo! Foi um esforço que zerou a posição.

Havia um outro caso, do antibiótico **Garamicina**. É um remédio de última geração, e o Hospital pagava **39 dólares** no laboratório brasileiro. Procurei muito e consegui encontrar um laboratório do Texas, **nos Estados Unidos**, que o fazia chegar aqui por **13 dolares**. Claro que começamos a importar... Veio o representante da empresa:

– Como é que você deixa de comprar esse produto de nós?

Expliquei a ele a razão.

– Ah, mas é esse produto não é aprovado pelo governo... Nós vamos fazer uma denúncia.

– Ótimo! Pode ir fazer! Depois eu vou à televisão dizer que a diferença brutal de preços é a razão para que estejamos importando.

E ele foi? Foi nada...

Esse comprometimento pode ter qualquer nome, mas devo admitir que é um certo tipo de idealismo... Como eu disse, não é pelo salário que fiquei trabalhando todo esse tempo aqui. Se fosse

por isso, nem teria vindo! Cheguei a pedido de um amigo e depois continuei a pedido dos outros amigos, das amizades que construí aqui e do amor pela instituição... Não fiz tudo nessa Escola, até porque isso não é possível, mas muita coisa boa eu ajudei a fazer!

Por outro lado, posso dizer que pessoalmente nunca tirei nenhuma vantagem daqui... Nunca sequer precisei do Hospital São Paulo... Nem a minha aposentadoria, que é mínima, é uma vantagem. Apenas me sinto gratificado por ter contribuído para a grandeza dessa instituição... Sou realmente muito sensível a essas coisas... Por exemplo, a fila para marcar consultas dava a volta no quarteirão – e todo o pessoal ficava no sol, na chuva... Falei para o diretor que isso não podia continuar e foi estudado um agendamento por telefone, ou via computação, e isso acabou! Tem gente que olha uma situação, passa e vai embora... Mas eu não consigo ver uma coisa errada e ficar inerte. Se você tem condições, tem obrigação de fazer alguma coisa ainda que não seja remunerado para isso!

Depois de sair da Escola, muita coisa mudou na minha rotina... Eu tinha meu escritório e passei a ir lá de manhã para trabalhar. Mas senti na carne o que é o aposentado não ter o que fazer... Isso porque eu tinha! Mesmo assim, levei muito tempo para me acostumar... Foram quase 30 anos aqui, todos os dias, pegando amizade com todo mundo... Senti falta. E é, de fato, um trauma muito grande... Portanto, aconselho a quem se aposentar que não deixe de ter alguma atividade – se não, se começa a morrer ali. Se eu não tivesse meu escritório, teria entrado em parafuso!

Entre a entrada e a aposentadoria, claro que muitas coisas aconteceram... A história aqui é muito comprida, muito longa, de muitos anos... Precisaríamos de um dia inteiro para ir lembrando dos casos! De todo modo, é importante contar certas particularidades que as pessoas não conhecem e, por isso, às vezes não dão o devido valor. Mas o principal já foi dito: que a Escola era a “escolinha” do professor Ribeiro e hoje em dia está monumental... Participei desse crescimento até um certo ponto e vejo que o espírito não morreu! Desde que saí, em 1995, a Escola já cresceu, se agigantou e tem diversos *campi* por aí. Sinto uma satisfação muito grande de ter participado disso e, principalmente, de saber que o movimento continua.